



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



CÂMARA DOS DEPUTADOS, BRASÍLIA, DF, 20 DE ABRIL DE 1996

Perdoe-me o Presidente desta Mesa, mas senti saudade desta tribuna do lado de cá e preferi falar da tribuna a falar da mesa.

Quero que as minhas primeiras palavras sejam de agradecimento e de referência ao PSDB, à sua militância que aqui está e aos seus dirigentes.

O espetáculo a que estamos assistindo hoje, como já foi aqui dito, reitera uma vocação de um partido diferente. A quantas convenções assisti nesta sala! Quantas convenções com eminentes líderes políticos, como Ulysses, Tancredo, Teotônio, tantos.

O clima nem sempre foi este. Quantas vezes eu me senti um pouco até estranho, porque não entendia uma convenção partidária em que havia, diante de líderes tão fortes, brigas, desafimentos, cartazes, uns contra os outros, tentativa de passar o pé um no outro, enfim, um tumulto que se dizia que era democracia.

Não sei. Talvez porque eu tenha tido a experiência de ver outras democracias, sempre me pareceu estranho aquilo. Sempre me pareceu uma confusão entre o emocionalismo, que não leva a nada no dia seguinte, e a verdadeira democracia, em que se pensa, se pesa, se

decide e, no dia seguinte, se atua; e em que, sem dúvida, há discordância, sem dúvida há legítimos interesses até pessoais na afirmação política, mas em que sobreleva a tudo o sentido da responsabilidade.

Desta convenção, hoje, aqui, até despida de muitos *slogans*, até, quem sabe, de alguns que têm sempre uma ponta de, não sei, desprezo, inveja, entusiasmo, houve quem dissesse assim: “É acadêmica.” Como se fosse ruim ser acadêmico. Quem sabe, o PSDB seja mesmo, no bom sentido, um partido da universidade, que, no bom sentido, é o partido da inteligência, não pela pretensão, mas pela compreensão, por saber que a excitação é fácil, mas que dar consequência ao *slogan* é muito difícil.

Nosso partido está amadurecendo. E, hoje, ao escutar aqui as palavras do Artur da Távola – sempre custo a dizer, quase digo sempre Paulo Alberto –, sei que elas não têm um sentido retórico. Ele fez o que os outros estão dizendo que fez: ele capitaneou essa transição com generosidade. Era só bater o pé e seria reeleito. Está na moda. Ele fez como qualquer um de nós faria: não bateu o pé quando achou que não devia; e, mais do que isso, permitiu uma transição – que resultou em quê? Num outro Artur, que é o Teotônio.

Eu ouvia, antes mesmo que o Teo mencionasse o nome para nós todos, o nome marcante de seu pai. Eu me lembrava de Teotônio, o Menestrel, porque o Teotônio Filho, que hoje é o nosso presidente, ou será o nosso presidente em breves minutos, tem as mesmas raízes. E eu tenho um pedacinho dela lá nas Alagoas, em Viçosa.

O Teotônio que aqui falou, falou com uma voz grande do PSDB, que, mesmo antes de nascer, já existia no Ulysses, no Teotônio, em tantos outros que já estavam antecipando aquilo que viria a ser este nosso partido de hoje. E, se o Arthur Virgílio falasse – vai falar, lamento não ouvi-lo –, tenho certeza, seria a continuidade dessa mesma voz. Essa mesma voz não é monocórdia, não: ela sobe e desce, vez por outra ela tem discrepância, mas o rumo, o sentido é o mesmo. E o Tasso disse aqui, e disse muito bem: “Este partido nasceu aqui.” Quantos nos disseram: “Mas como pode ser um partido social democrático nascido no Congresso?” Esses são os mesmos que têm horror das universidades;

também têm horror do Congresso. No fundo, têm porque o Congresso implica a divergência, a disputa, a negociação às claras, o debate; e, como alguns são “iluminados”, são fundamentalistas, acreditam que têm a verdade, não querem se expor. Pois bem, esse partido nasceu aqui no Congresso, sim, se expondo, discutindo, protestando.

Quantas dúvidas nós tivemos. O Mário duvidou até o final e eu também. Nós éramos líderes de outro partido, ao qual havíamos dedicado boa parte do nosso empenho, que é político. É difícil. Duvidamos, sim. Não vou recordar. Mas há momentos em que se decide.

E, hoje, esse partido que nasceu aqui nestas salas, hoje, pode perguntar ao povo quem me apóia. Não são as elites, não, não é a classe “A”, não, que já começa a descobrir “Ah, não fez isso, não fez aquilo”: é o povo, hoje, que sabe que o Governo olha por ele. Esse é o povo que nos apóia. Venham para as ruas comigo para ver. Vão sempre encontrar um pequeno grupo de fundamentalistas disfarçados de bandeiras várias, a gritar palavras de ordem vazias. Mas vão ver depois, quando possível – às vezes não deixam –, mais perto do povo, o que acontece? E não é o Presidente como pessoa. Já estou curtido demais para acreditar que seja por virtude minha. Não é isso, não. É o símbolo, é um pedaço do PSDB. Esse símbolo é a nossa ação aqui no Congresso, são os nossos ministros. E – farei justiça – não estamos sozinhos: há outros partidos que nos estão apoiando, há outros ministros que estão apoiando. E esse conjunto o povo sabe reconhecer.

É assim que se forma um partido: nesses embates e enfrentando dificuldades.

Portanto, quero agradecer, em primeiro lugar, ao PSDB. Nomeei alguns e, ao nominá-los, nomeio a todos – aos ministros, aos governadores, aos atuais e antigos presidentes, aos prefeitos, aos vereadores, aos deputados, aos senadores –, mas sobretudo àqueles que sustentam o partido, que são os militantes, que, agora, porque o Congresso mudou, não se pode vê-los quase. Ouve-se o ruído. E só sobre o Ceará. Um pouco pelo Brasil. O Ceará é o Brasil. Falam do Tasso, falam de cada um de nós. Quando gritam palavras de ordem, que

mal podemos ouvir, nós sentimos que a vibração esses vidros não conseguem sufocar.

Então, é a esse povo do PSDB que eu quero agradecer em primeiro lugar.

Quero recordar que, se hoje nós podemos dizer com mais força que sabemos o rumo, nem sempre foi assim; e que, em momentos bastante difíceis para o País, quando assumi o Ministério da Fazenda – as pessoas, às vezes, se esquecem –, era difícil fazer acreditar no que quer que fosse, porque o dia-a-dia era só de tormento, era só de impossibilidade, era de descrença. Eu vinha lá de fora, porque eu era Ministro do Exterior, e tentava explicar aos japoneses ou aos americanos que este país tinha futuro. E me olhavam com um jeito, assim, de quem não crê. Não podem ser deselegantes, não podem dizer isso àquele que está ali falando, contestar os números que eu estava apresentando, mas sempre vinham com aquela mesma história: “Mas, e essa inflação?” “E o Congresso?” – que, naquela época, estava com a CPI da corrupção – “Esqueceram-se?”

Naquela época, pouca gente, muito pouca gente acreditou que fosse possível mudar o Brasil. Entre os que acreditaram, um punhado de gente do PSDB, que está aqui nesta mesa, e outros que não estão aqui nesta mesa, intelectuais, sim, do PSDB. Se não houvesse a disposição de alguns que tinham criatividade e imaginação e de outros que, nos momentos mais difíceis, foram para a tribuna e defenderam o Plano Real – aí está o Mário Covas como aquele que mais mostrou defesa firme naquele momento –; se não fosse nós termos acreditado, não sei o que seria, mas certamente não seria o que é hoje. Podia ser talvez até melhor, mas o que é hoje, não. E, antes de ser alguma coisa de melhor, haveria muito sofrimento neste país, muita dificuldade. E sofrimento não é palavra, não: é povo que não come, é desesperança, é investimento que não vem, é incapacidade de tomar decisões, é um Estado absolutamente como queijo suíço, esburacado, sem condições de decidir nada. Faz muito pouco tempo isso. Não dá para esquecer.

Naquela época, e aqui estão os representantes da imprensa, como não tinham muita confiança no que daria, chamavam de Plano FHC

e diziam que era nome de remédio. Depois, o plano virou Real, ganhou realeza. É o mesmo que não era FHC. É disso que estou falando aqui, de um punhado de gente que acreditou, e essa gente está toda aqui. Não estará nesta sala, mas estará ligada a nós. Seria injusto dizer que eram todos só do nosso partido, mas eram quase todos do nosso partido.

É cedo para fazer história. Mas há momentos de dificuldades e há momentos de consagração do partido que é preciso recordar. Não dá para esquecer. Não dá para esquecer que foi devagarinho que fomos construindo o partido. E não dá para esquecer que, quando nos lançamos às campanhas e havia, já, o Plano Real na rua, o primeiro cartaz que apareceu foi o da CUT. E dizia sabe o quê? "Real é pesadelo." Durou quinze dias, e o povo tirou. São os mesmos que dizem todos os dias que o que vamos fazer vai dar recessão; que o que vamos fazer vai ser entregar a economia do País; que o que vamos fazer vai servir aos banqueiros. São os mesmos, com os mesmos argumentos que temos que repelir com firmeza.

O Brasil tem rumo. Esse rumo não é nosso: é nosso, do PSDB e dos partidos que estão conosco. E esse rumo é um rumo para o povo. E não são palavras, são números. São números.

Pela primeira vez, depois de décadas, registra-se que houve uma modificação na distribuição de renda do Brasil e que os decis mais pobres cresceram mais em comparação com os decis mais ricos, com as camadas mais ricas. Porque não se grita isso aqui nessas tribunas? Os nossos estão gritando. Quando vierem com baboseira, digam com calma: "Olhem aqui os números."

Qual é o salário real médio? Peguem o Dieese – não se precisa de outro dado –, peguem o IBGE e verão: nunca cresceu tanto. Para quem? Para os pobres. Quando aumentou o consumo de proteína em 30% na história do Brasil? O Sérgio Motta, que é mais fornido do que eu, prefere falar de iogurte. (*Risos.*) Quanto foi o consumo de iogurte? Oitenta e nove por cento de aumento.

Mas não é só comida, não. O frango está bem; o milho baixou, de repente sobe. Não é isso, não. É um conjunto. Houve 25% de aumento

na venda dos produtos eletrônicos o ano passado. Este ano cresceu mais. Também das TVs. E a Coca-Cola, como cresceu! Recentemente, recebi o pessoal da Coca-Cola. Cresceu mais do que em toda parte do mundo. E isso foi por quê? Porque os ricos estão tomando Coca-Cola? Sempre tomaram, se embebedavam de Coca-Cola. Mas o guaraná também cresceu: E é nosso.

Há uma mudança nos padrões de consumo. “A televisão!”, gritam aqui. Vou dar um dado mais simples: indústria de cimento. Nós estamos, agora, com um grande programa – já me referirei a ele – de investimentos públicos. Mas esse programa, até que se ponha em massa, leva tempo. A indústria de cimento cresceu consideravelmente: 20%. Aí, começaram a pesquisar por que cresceu. Sabe por que cresceu? As fábricas mudaram, algumas delas, até o empacotamento. Passaram a fazer saco de um quilo de cimento, porque o povo está melhorando as suas casas. O cimento que hoje está sendo usado não é mais – deverá ser, depois, também – das hidrelétricas: é o cimento da casa popular.

Um partido que faz isso não pode ter medo daqueles que vêm com demagogia dizer: “Ah, só cuidam da estabilização.” São antiquados, são atrasados, não entendem nada. Para nós, estabilização é o povo comendo, estabilização não é só moeda forte, não, já disse aqui o Tasso. Vão ver os resultados, no produto bruto, da participação do sistema financeiro: ela está se achatando. Por isso se tem crise; por isso se tem crise no sistema bancário, público e privado. E o Governo está enfrentando.

E não me venham com esses argumentos demagógicos, que eu ainda repeli: “Ah, mas estão gastando com o Proer. Por que não gastam na educação e na saúde?” Porque o Proer não é dinheiro do Governo: é dinheiro do próprio sistema bancário. É demagogia barata, reles, miserável, e quem fala sabe. Querem enganar o povo, porque, sem o Proer, se não fizermos isso, quem vai perder não é o banqueiro, não – o banqueiro vai perder com ou sem o Proer –, quem vai perder é o depositante. E os depositantes são milhões de pessoas que não têm nada a ver com os desmandos dos banqueiros.

Não temos nada a esconder nem que temer dizer as coisas que estamos fazendo. Mas não é só isso, não. Falta muito mais para acreditarmos no Brasil – e aí não é com o partidarismo de PSDB, porque o Brasil é maior do que o nosso partido. Nós precisamos, sim, de uma grande força política, que junte outros partidos, para fazer as mudanças no Brasil. Sozinhos nós não faremos nem ninguém fará.

Quero dizer, aqui, nesta convenção do partido, do PSDB, que aquela preocupação que o Governador Montoro tem mostrado com tanta ênfase, do emprego, é nossa também. É nossa não porque tenha havido um aumento desabrido do desemprego. Os números estão aí. O ano passado foi o índice mais baixo do IBGE na questão de desemprego; e também no Dieese este ano. Isso não resolve, porque o índice baixo ainda é muito alto. O que na verdade é preciso dizer é que estamos criando empregos em uns setores e perdendo outros, porque está havendo uma transformação da economia. Isso não implica que o Governo feche os olhos para quem está perdendo emprego. Não! Tem que dar emprego para quem o está perdendo, tem que dar apoio aos programas de reciclagem do trabalhador, tem que realmente atender a setores como o têxtil e de calçados, que têm problemas. Mas não podemos cair na conversa do adversário: pensar que isso está acontecendo porque o Brasil está em recessão. É o contrário. Está acontecendo porque estamos assistindo a uma grande transformação da estrutura produtiva do Brasil.

Vou dar dois exemplos. Nós tivemos uma certa fase de grande crescimento econômico na indústria automotriz. Normalmente, isso está associado ao nome de Juscelino Kubitschek, e com razão. O Brasil cresceu, produziu, juntou montadoras de carros aqui. Agora, não adianta só produzir mais carros. O momento é outro. E o que estamos fazendo, agora, é dar um salto nesse sistema produtivo.

Agora, o que temos que fazer não é juntar mais peças e fazer mais carros para vender no mercado interno: é fazer um desenho nosso, feito aqui, com tecnologia nova, com motores produzidos aqui, com capacidade de comercialização em nível mundial; é lançar um produto para competir no mundo. E é o que está acontecendo.

O conjunto de investimentos que estão sendo feitos vai levar o Brasil, até o início do próximo milênio, a ser, talvez, um dos poucos – talvez, não: já é – países capazes de competir em nível mundial lançando produto novo. São só sete países que fazem isso. Há só quatro pólos onde haverá indústria automotiva no sentido forte de uma indústria que transforma – a Europa, os Estados Unidos, um pedacinho da Ásia e o Brasil.

Isso é nosso, feito no nosso Governo, feito pelo nosso partido. É o que estamos fazendo. Na petroquímica, nós levamos anos para ter dois pólos. Neste Governo, nós já estamos fazendo mais dois. E, se o Governador Mário Covas permitir, dentro de pouco tempo teremos mais um. São três pólos no período de um ano e meio. Cada um desses pólos produz, no decorrer do tempo, uma transformação imensa.

Aqui está o Banco Mundial, que constata a melhoria do padrão de vida do brasileiro. Espero, agora, a publicação do PNAD, para comparar o PNAD de 93, que mostrou que cresceu com relação ao passado, com o PNAD de 95.

Olha, eu cito sempre um líder brasileiro que viveu a Revolução Francesa, escreveu muitas cartas, deixou memórias e não faz uma referência ao fato de que havia uma revolução na França. Não podemos fazer a mesma coisa. Está havendo uma revolução branca no Brasil, de transformação deste país, e muita gente – como isso não se dá com alarde e é um *continuum*, não é em um momento – não percebe. Mas nós, que somos do PSDB, temos que, com orgulho de brasileiros, dizer que este país, hoje, é um grande país que está dando um salto. Esse salto já não será mais como foi no tempo do milagre, porque não é milagre nenhum, é nosso trabalho; é um salto que vai beneficiar o povo, fazer o que disse muito bem o Senador Teotônio Vilela: entrar na globalização, mas sem o passaporte manchado pela exclusão social.

Esse é o Brasil do PSDB – socialdemocrata, sim, que sabe que precisa das reformas para rearticular o Estado, como já foi dito aqui, para ser o Estado socialmente necessário, nem mínimo nem máximo. Não é a questão de tamanho: é de eficiência para chegar aos objetivos visados.

Agora, o PSDB não pode ser um partido como o aveSTRUZ, que não vê o que está errado. Não. O que está errado tem que ser visto, tem que ser dito e tem que ser corrigido.

Não posso me conformar com a chacina que aconteceu anteontem. Isso não é coisa de país decente; é inaceitável para qualquer país do mundo. Não me conformo. E também não aceito a exploração daqueles que querem transformar uma tragédia em um fato político menor. Não! É um fato social grave, não é um fato político menor.

Fizeram muito bem ao aplaudir o Governador Almir Gabriel, porque tenho certeza de que o Governador Almir Gabriel pensa como nós nessa matéria e foi traído, como disse o Senador Vilela, por estruturas arcaicas. Isso não nos leva a cruzar os braços e a desculpar. Não há desculpa para chacina alguma.

Mas aqui quero reiterar um apelo ao País, aqui desta tribuna do PSDB: se há uma estrutura arcaica, se há uma chacina inaceitável, vamos parar de utilizar esses fatos para separar mais e dificultar mais a solução dos problemas. Vamos, efetivamente, de boa vontade e de boa-fé, discutir o que pode e o que não pode ser feito; e ver, também, que a lei tem que ser mantida e que a violência indiscriminada leva a novas violências. Nenhuma justifica a outra. Há bases para o entendimento.

Fiz, ontem, um apelo a uma delegação de deputados que me foi ver – o Deputado José Aníbal está aqui –, deputados da chamada oposição, e eu espero que não sejam da oposição permanente ao Brasil; que sejam de oposição a atos do Governo, mas não de oposição ao Brasil; e, não sendo de oposição ao Brasil, é preciso ver os fatos. Nós temos, sim, que modificar as estruturas do campo. Para isso, não falta vontade política do Governo.

Em média, no Brasil, foram assentadas 16.000 famílias por ano. O ano em que mais se assentou – os anos 80 – foram trinta e poucas mil. O ano passado, nós assentamos 42.000 famílias e, este ano, vamos assentar 60.000.

Não posso me comprometer com um projeto, que não é meu, de assentar mais do que ... Não é do que o dinheiro permite não.

O ano passado, o Incra devolveu 2 bilhões de títulos da dívida agrária porque não usou. E aí vem alguém mal informado e dá um dado: "Estão diminuindo o gasto com o Incra." Mentira! Não estão diminuindo, não: estão tirando a gordura que o Incra não foi capaz de usar. E não foi capaz de usar porque a máquina administrativa é emperrada e eu não tenho a reforma administrativa, até hoje, para botar para fora os maus funcionários. Vou botar para fora, porque o funcionário público é para servir ao povo, e não para fazer gritaria aqui, de corporação. E há muito funcionário correto e decente que tem que ser premiado e tem que ser melhor apoiado e aproveitado.

É verdade que há ineficiência; ineficiência que nós estamos herdando, mas com a qual não compactuamos. Compactuam os que aqui gritam contra a reforma e querem manter as estruturas arcaicas no Brasil.

É verdade, também, que existe morosidade na Justiça. A culpa não é só do Judiciário, não. Há leis, apoiadas por mim, para avançar o ritmo de desapropriação mais depressa. Onde estão essas leis? Quem aprovou? Há leis, apoiadas por mim, no sentido de que a Justiça Militar não cuide de crimes do tipo desses que aconteceram no Pará. No Pará, não há esse caso porque não há Justiça Militar lá. Há, também, no Ministério da Justiça, a idéia de fazer que esses crimes passem a ser federais, porque o País e o Presidente pagam perante o mundo, e ele não tem nenhuma ingerência, nem na decisão, nem na punição, nem no processo, nem em nada, porque tudo é local.

Se quiserem cobrar do Governo Federal a responsabilidade, que dêem os instrumentos.

Fiz um apelo. E quero uma reunião com o Presidente do Supremo Tribunal, com os Presidentes do Poder Legislativo comigo, não para uns atacarmos os outros; ao contrário: para ficarmos unidos e amanhã dialogarmos efetivamente com quem não esteja simplesmente balançando uma bandeira política nem simplesmente querendo criar mais dificuldades, mas com quem queira, realmente, resolver o problema da terra, para que possamos acelerar a solução.

Agora, uma questão é indiscutível: ou se punem os responsáveis, se põe na cadeia – e já – quem é responsável por isso, ou ninguém vai acreditar mais neste país. Está na hora de punir.

Não sou favorável, como Presidente constitucional desta República e democrata que sou, a que se atropele a ordem constitucional. Não farei isso. Mas dou a minha palavra de apoio a que haja energia e que se ponham logo, já, o quanto antes, os responsáveis demitidos e os que puderem ser presos por ordem administrativa, presos. Dou este apoio, porque é uma nova atitude do Brasil. Não é atitude de vingança, é atitude de ver quem é culpado. Nós sabemos que, no geral, é um processo, como já foi dito aqui. Mas esse processo tem que mudar, como tem que mudar o processo todo no encaminhamento das reformas.

Eu disse e vou reiterar aqui: podem me criticar e acusar de muita coisa, menos de que eu não dialogue, não ouça, de que eu não esteja sempre disposto a ver a razão do outro, do adversário. Agora, tem limites. Ou essas reformas vêm com o mínimo de coerência, porque o Brasil precisa, os Governadores sabem disso, ou, então, que o Congresso assuma suas responsabilidades e faça o que quiser, mas não cobrem de mim por não ter feito reformas.

Está na hora, realmente, e é um bom momento esta reunião do PSDB, de nós voltarmos a pensar aqui – num país para o qual conseguimos, pouco a pouco, organizar um caminho – em que agora os obstáculos desse caminho sejam bem delimitados e claros e que cada um assuma as suas responsabilidades.

Podem ter certeza, o Brasil não vai parar nem o Governo Federal vai parar, com ou sem reformas. O povo vai pagar um preço mais alto, se elas não vierem; se a demagogia obstrucionista conseguir postergá-las sem limites, quem pagará o preço não será o Presidente da República, infelizmente: será o País, o povo.

E, olha, isso que eu disse aqui, de alguns poucos exemplos das mudanças que estão ocorrendo, é só viajar um pouco para ver, de fora, qual a perspectiva que se tem do Brasil. E é só ir ao interior do Brasil, também, para ver o que está acontecendo.

Ainda anteontem, estive em Corumbá de Goiás e fui a uma escola. Áí, fui conversar com um professor. De quem é essa gritaria de quem não sabe nada? Comece com o professor e veja se não está havendo mudança na educação. Vá verificar no Ceará, com os agentes sociais de saúde. Eu fui, e o Governador Tasso também, a uma cidadezinha, Iracema, almoçar na casa de um popular. Entre nas casas pobres da região e verifique se lá não existe pelo menos uma semente de mudança. É a mudança principal. E isso é responsabilidade do PSDB, nossa.

Mudar uma mentalidade é fazer com que hoje, como todos sabem, não exista mais o clientelismo que leva ao apadrinhamento e à corrupção. Nos Ministérios da área social, em todos eles, a estrutura mudou mesmo. Mudou mesmo para atender à necessidade da população. E nós não perguntamos se o prefeito é do PSDB, do PMDB, do PT, de onde seja, nem queremos saber se há necessidade de vir apadrinhado por alguém ou não. Nós queremos saber é se há mecanismos de controle da execução, se há avaliação e se os recursos estão fluindo para aquilo que é necessário.

Essa é a mudança do Estado brasileiro, que ninguém vê, que não dá manchete em jornal. É um processo. Mas nós somos esse partido despojado de retórica, um partido cuja vocação não é o do verbo sem consequência, como eu disse no início, é o de ir mudando. E termino dizendo o seguinte: o povo percebe.

Algumas pessoas são obrigadas e escrever todos os dias, têm que inventar. O povo quer comer todos os dias, e comida não se inventa. O povo quer ver se existe tranquilidade todos os dias, e isso não dá manchete. Nossa estilo é outro, nosso estilo tucano. Eu, hoje, embora Presidente da República, boto o tucano pertinho do coração. Hoje, no nosso espírito tucano, é diferente. E há quem perceba esse estilo diferente. E também quero dizer, porque é do meu dever, que o Governo do PSDB tem aliados e tem sido apoiado por seus aliados.

Aqui está o Deputado José Jorge, do PFL, que tem sido constante no apoio às nossas medidas. Não é o único. Refiro-me a ele porque está presente, mas nós temos um conjunto de partidos que nos estão apoiando. E o PSDB não tem essa vocação hegemônica, tipo atrasa-

do, em que ou crê ou morre, ou está conosco ou contra nós. Não. Nós somos um partido democrático, que tem objetivos e que sabe que para alcançar esses objetivos nós faremos alianças. As alianças são claras e são para alcançar os objetivos, não são para outra coisa; e são conhecidas de vários lados. E muitos partidos aqui, neste plenário, têm apoiado o programa do Governo.

O PSDB tem tido – e aqui quero fazer uma referência especial aos nossos Líderes, o José Aníbal e o Sérgio Machado, e às bancadas que eles comandam – a capacidade de, sendo o partido do Presidente da República, entender que ele não é o partido majoritário e que, não sendo o partido majoritário, ele é artífice de uma base política que permite levar adiante os objetivos do Governo. Isso é maturidade.

Portanto, peço perdão por me ter alongado, mas é tão raro eu poder falar com os companheiros do PSDB. As minhas últimas palavras são de confiança. Tenho muita confiança nesse partido. Eu tenho muita confiança na nossa capacidade, como partido, de não perder o rumo. E essa confiança não é uma confiança sectária, é que tenho muita confiança no Brasil. Eu me sinto patriota. Patriota quer dizer amor à pátria no sentido amplo. A mesma repulsa que eu sinto quando alguém chacina quem não tem acesso à terra é a alegria que eu sinto ao saber que essa é terra generosa e que, se nós formos capazes de ordenar os nossos objetivos, de realmente termos visão, colocando problemas nos seus lugares, essa terra generosa, esta pátria vai ser também a pátria da dignidade. E a pátria da dignidade significa um país onde a exclusão social não terá abrigo. No nosso espírito, no nosso coração não tem; na prática, ainda tem. E, daqui para a frente, PSDB e programa de governo querem dizer desenvolvimento do Brasil com justiça social.